

ARQUIVO CRIMINAL E O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO VUCETICH REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO POR IMPRESSÃO DIGITAL

Uthant Saturnino Silva

RESUMO: Este artigo aborda aspectos da teoria da classificação, priorizando o sistema de classificação Vucetich, que fundamenta o processo classificatório da ficha datiloscópica cuja função consiste em reunir, armazenar e disponibilizar informações sobre vestígios de impressões digitais coletados no local do crime ou à identificação, ou seja, ao ato de reconhecimento de um indivíduo. Inicialmente, buscou-se discutir os princípios filosóficos de classificação para em seguida analisar o uso e aplicação adotada pelo sistema Juan Vucetich, método datiloscópico que se baseia na representação da disposição das papilas dérmicas e dos elementos que compõe esse sistema de classificação, cuja aplicação e ordenação permitem consulta rápida quando compara uma peça padrão arquivada no contexto dos arquivos criminais com um fragmento extraído de local de crime.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da classificação. Sistema de classificação. Datiloscopia. Documentos especiais. Arquivos criminais.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como escopo principal analisar aspectos da teoria da classificação vinculados a Vucetich, priorizando inicialmente a compreensão teórica e filosófica da classificação e suas concepções, mostrando que o processo classificatório é uma atividade imanente a racionalidade. Segundo Langridge (1977), sem classificação não poderia haver nenhum pensamento humano, ação e organização que conhecemos, ela transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis e padrões recorríveis.

Para Piedade (1977), a classificação se efetiva por meio do processo de categorização, ação que se revela ao dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças.

Em face desse entendimento, podemos inferir que todas as ações humanas são efetuadas por atos classificatórios. Isso desde nossas mais simples as mais complexas escolhas. Para Costa (1997, p. 66):

Uthant Saturnino Silva

uthant@hotmail.com

Mestre (2017) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e graduado em Arquivologia (2016) e em Biologia (1990) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Submetido em: 22/05/2018

Publicado em: 27/01/2019

Encontramos inúmeros exemplos de classificações inscritas e actantes nos mais variados domínios das relações sociais, tal como se nos apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas as outras, ou se referem a terceiras, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando umas distintas e outras vulgares, umas sérias e outras desonestas, umas competentes e outras incapazes, umas merecedoras de mais respeito e outras de menos, e por aí afora.

Para Langridg (1977), sob uma perspectiva histórica é na lógica aristotélica que são encontradas as primeiras contribuições para a formulação de uma teoria da classificação. Segundo Araújo (2006), a primeira contribuição do filósofo diz respeito à divisão dos objetos em gêneros e espécies, trata-se de uma hierarquização conceitual que divide um tema geral em espécies a partir da aplicação de uma característica classificatória. Segundo Dahlberg (1978), a hierarquização dos termos no processo classificatório deve ser realizada sempre do geral para o particular.

Ao abordar a trajetória do conceito de classificação enfatizamos os períodos de organização dos documentos de arquivos. Segundo Sousa (2006, p. 122):

Podemos considerar, grosso modo, dois grandes períodos na história das classificações de documentos arquivísticos. O primeiro, que percorre da Antiguidade até o século XIX, e outro do século XIX até nossos dias. O marco da passagem é, sem dúvida nenhuma, o estabelecimento dos princípios de respeito aos fundos e da ordem original. Não são períodos estanques, isto é, práticas do primeiro período podem e são encontradas no segundo. A organização dos arquivos fundamentada no princípio de respeito aos fundos só foi consolidada em meados do século XX.

Pensamento que diverge de Silva et al (1999), ao afirmar na arquivística a classificação começa a aparecer na literatura a partir do século XVII com o surgimento dos primeiros manuais com normas escritas. Afirmativa já defendida por Duranti (1995), ao dizer que os indícios dos processos de classificação na área podem ser encontrados, no último volume da obra intitulada *De Re Diplomática*, de Jean Mabillon, publicada em 1681. Tratava-se de um método sistemático de investigação para determinar os fatos e eventos nos quais os documentos se inseriam, e não noções sobre organização.

De todo modo, independente da corrente filosófica ou social que aborde teoricamente a classificação, um ponto há de convergência: a classificação consiste na separação metódica, hierarquizada e sistemática de grupos, unidos por semelhança. Para Pombo (1988), a classificação documental e

biblioteconômica são propostas minuciosamente organizados, geralmente acompanhadas de um código em que cada classe, e que a classificação consiste em separar por categorias os documentos orgânicos.

Na esteira desse entendimento, compreendendo que o emprego do processo classificatório é necessário para organização dos documentos arquivísticos e que destes resultam o surgimento dos arquivos institucionais, tratemos, pois de abranger os arquivos criminais e a classificação de Vucetich.

2 ARQUIVOS CRIMINAIS E A CLASSIFICAÇÃO DE VUCETICH

Os arquivos criminais contribuem para a resolução de vários crimes, graças ao trabalho dedicado dos profissionais peritos criminais e peritos papiloscopistas, buscando através das representações de impressões papilares (impressões digitais, palmares e plantares) encontradas em locais de crime, que ficam arquivadas em fichas datiloscópicas ou até mesmo em suportes eletrônicos nos referidos arquivos criminais que tem uma atribuição específica, de auxiliar a justiça. Para Kehdy (1968), os arquivos criminais são caracterizados pelo arquivamento de certificados do registro criminal, certificados do registro policial, ficha de datiloscopia, contraprova de manchas orgânicas (sangue, esperma, fezes, vômitos etc.) e inorgânicas (cera, lama, ferrugem, tinta, pólvora etc.) elementos grafotécnicos, balísticos, laudos, fotografias de locais de crime e outros dados de interesse, constituem-se elementos relevantes na produção de elementos arquivísticos para a área da identificação criminal. O documento a ser arquivado nasce a partir de impressões coletadas nos locais de crime ou corpos enviados aos institutos de medicina legal para exames tanatológicos ou para identificação civil e criminal no setor de perícias, que posteriormente vão servir de suportes para confrontos com impressões digitais encontradas em locais de crime pelo perito criminal.

No sistema classificação Vucetich existe uma diferença entre desenho digital e impressão digital. Para França (2015, p. 90): "chama-se desenho digital ao conjunto de cristas e sulcos das popas dos dedos, apresentando muitas variedades; e de impressão digital ao reverso do desenho, exibindo-se como um ajuntamento de linhas brancas e pretas de um determinado suporte.

A impressão digital é representação do desenho digital ou dermatóglifo que pode ser encontrada em qualquer suporte que receba a mesma, permitindo auxiliar na determinação da autoria de um delito.

2.1 Datiloscopia

A datiloscopia constitui um método para identificação criminal e civil de pessoas vivas e mortas, reconhecidas ou não, reunindo os dados de qualificação, dados morfológicos - exame descritivo por meio do desenho digital. Gomes (1969, p. 75), "a datiloscopia deriva de *daktylos* (dedo) e *skopein* (examinar), foi criada na Argentina, por Juan Vucetich que o batizou de Icnofalangometria com a finalidade de estudar as impressões digitais".

A datiloscopia é dividida em civil, criminal e clínica, respectivamente, a primeira trata do reconhecimento de pessoas para expedição de documentos de identificação, que são os seguintes: carteira de identidade, cédula e passaportes, a criminal reveste-se de três aspectos, identificação do indiciado em inquérito policial, expedição de documentos de idoneidade¹ e aproveitamento das impressões papilares encontradas em locais de crime e, pôr fim, a clínica que estuda as perturbações que se verificam nos desenhos digitais.

Segundo Kehdy (1968, p. 14), "o estudo da datiloscopia nasceu em 1858 com William James, delegado do governo Inglês, na Índia, iniciou seus estudos sobre as impressões digitais, concluindo pela sua imutabilidade". Por outro lado, o Dr: Henry Faulds, médico inglês que trabalhava no Hospital Tsukiji, em Tóquio, observou impressões digitais gravadas em peças de cerâmicas pré-histórica japonesa, iniciando deste modo seus estudos sobre as impressões digitais. Em 1884, Kimugássun Minakata, médico japonês, publicou na revista *Nature* de Londres, um artigo afirmando que as impressões digitais, já eram conhecidas na China, desde o século VII. Em 1888, na Inglaterra, Sir Francis Galton concluiu que as impressões digitais eram divididas em três tipos, denominados de "arcos", "presilhas" e "verticilos" publicando tal descoberta na revista *Nature* em 1892. Entre vários sistemas, foi criado o sistema de classificação proposto pelo antropólogo Juan Vucetich.

Segundo Gomes (1969), indícios científicos baseados em Vucetich², foram aplicados no caso de Francisca Roja que matou dois filhos e acusa como autor do crime seu vizinho. A polícia encontra na porta da casa a marca de vários dedos molhados de sangue. As impressões encontradas coincidiram com as de Francisca, verdadeira culpada.

¹ Documentos de idoneidade para Kehdy são: atestados de antecedentes criminais, atestado de antecedentes político-sociais, folha corrida e folha de antecedentes.

² Juan Vucetich - foi antropólogo, policial e inventor, nascido na Croácia. Vucetich desenvolveu e pôs pela primeira vez em prática um sistema eficaz de identificação de pessoas mediante suas impressões digitais.

No Brasil, a datiloscopia teve início em São Paulo, onde foi instituída a identificação datiloscópica pelo sistema de Vucetich, nos termos de Decreto lei de número 1533-A, de 30 de novembro de 1907, mais adiante em 1920 é criado o Gabinete de identificação de estatística, com função primordial de realizar a identificação criminal, também a tomada de impressões digitais de cadáveres, posteriormente, foi criado o Decreto lei 5.452, de primeiro de maio de 1943, que obriga a coleta digital nas carteiras profissionais. A partir da coleta das impressões nas carteiras profissionais tem início a formação dos arquivos especiais. Segundo Paes (2004, p.147): "arquivos especiais são aqueles que têm sob sua guarda documentos em diferentes tipos de suportes e que, por esta razão, merecem tratamento especial não apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle e conservação".

Nesta categoria de arquivos enquadram os arquivos criminais, que são armazenadores de fichas que contém a representação da impressão digital. Este tipo de arquivo pode ser definido como sendo especial.

2.2 Sistemas de Classificação de Fichas Datiloscópicas

De acordo com Pombo(1988), para o classificador, o que está em causa na apreciação do valor de uma classificação é a sua utilidade prática, a rapidez, exatidão e facilidade da sua utilização. A arquivologia busca interação com outras ciências, no caso a datiloscopia, e as técnicas de arquivamento usadas pelos profissionais especializados como os "papiloscopistas arquivistas", este profissional trabalha com a identificação humana, usualmente através das papilas dérmicas dos dedos da mão ou dos pés.

Além do caráter investigativo da datiloscopia, o artigo aborda resumidamente como ocorre o sistema de classificação de fichas datiloscópicas empregadas em arquivos criminais, ao mesmo tempo a noção de armazenamento e organização de ficha dactiloscópica, visando aprimorar o conhecimento dos alunos dos cursos de arquivologia para atuarem nas áreas de criminalística e medicina legal.

A base do método de Vucetich `o delta³, caracteriza-se com linhas dispostas em ângulos mais ou menos obtusos⁴

³ Segundo o dicionário de língua portuguesa, delta é nome da quarta letra do alfabeto grego δ , Δ , que corresponde ao *d*, *D* latino ou sinal triangular ou estrelado, encontrável na pele humana das mãos e dos pés, usado para identificação pela *datiloscopia*.

envolvendo o núcleo central da impressão dos desenhos digitais. Segundo Gomes(1969), o antropólogo dividiu em 4 (quatro) tipos fundamentais: **arco**, **presilha interna**, **presilha interna e verticilo**, que se caracteriza pela ausência de delta, ou pela presença à direita do observador, à esquerda do observador e pelo dois respectivamente. De início o Quadro 1 abaixo, mostra a fórmula datiloscópica, cujo entendimento está relacionado ao delta. Para França (2015), o delta é formado por dois ou três sistemas lineares, o nuclear, o basilar e o marginal. O sistema nuclear é representado por linhas colocadas entre as basilares e marginais, já o marginal é formado por linhas superiores que sobrepõem ao núcleo, e por final o basilar é composto por linhas que ficam abaixo do núcleo.

Quadro 1: Modo de escrever a fórmula dactiloscópica

ARCO	A ou 1
PRESILHA INTERNA	I ou 2
PRESILHA EXTERNA	E ou 3
VERTICILO	V ou 4

Fonte: Gomes (1969).

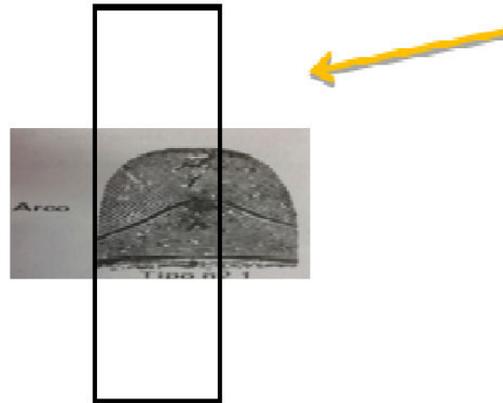
O arquivista que atua nesse tipo específico de arquivo deve conhecer que as anotações literais são empregadas para os polegares e as numéricas para os demais dedos. Assim um verticilo no polegar escreve-se V; e nos demais dedos (4), quando não existe dedo, marca-se o (zero) e quando a impressão se encontra de tal maneira deformada por cicatrizes ou outro motivo que seja impossível reduzi-la a um dos sistemas, escreve-se (X). Tais representações são apresentadas os quatro tipos fundamentais de impressões adotadas pelo sistema de classificação Vucetich. O sistema datiloscópico adotado por Juan é decadáctilar, isto é; cada indivíduo é identificado pelo conjunto de impressões aos dez dedos, em um formulário ou ficha datiloscópica. Segundo Rabelo (1996), Galton foi quem estabeleceu os tipos quatro fundamentais, porém, Vucetich constata a presença do acidente morfológico que ele denominou de delta para especificar a classificação, acordo com a presença ou ausência do ficou dividida em arco, presilha interna, externa e verticilo com foi supracitado.

A classificação adotada na identificação do delta e;

a) representação em arco: ausência de delta, as linhas atravessam o campo da impressão de um lado ao outro, assumindo forma mais ou menos abaulada.

⁴ Segundo o dicionário de língua portuguesa, **obtusos** é um ângulo cuja medida está entre 90° e 180°, e é um termo da área matemática. **Obtusos** também é utilizado em um sentido pejorativo, como uma pessoa ignorante e insensível. Na área da matemática, especificamente em geometria, **obtusos** quando um ângulo é maior que o ângulo reto, que mede entre 90° e 180°.

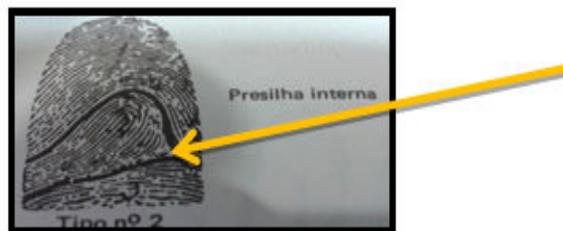
Figura 1: Imagem do tipo de impressão arco



Fonte: Gomes (1969).

b) representação da presilha Interna: um delta a direita do observador, as linhas nucleares ocorrem para esquerda do observador.

Figura 2- Imagem do tipo de impressão presilha interna



Fonte: Gomes (1969).

c) representação da presilha externa: um delta a esquerda do observador, as linhas nucleares ocorrem para direita do observador.

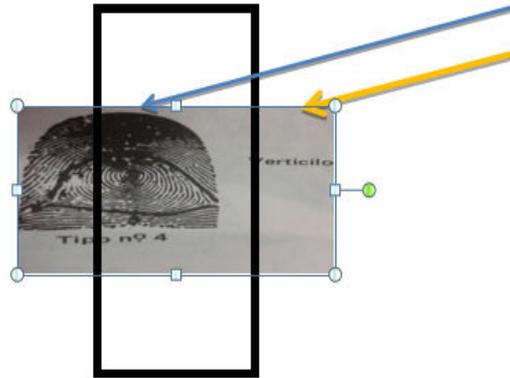
Figura 3: Imagem do tipo de impressão presilha externa



Fonte: Gomes (1969).

d) representação do verticilo: dois deltas, um a esquerda e outro à direita do observador, as linhas nucleares ficam encerradas entre os dois deltas, assumindo configurações variadas

Figura 4: Imagem do tipo de impressão verticilo



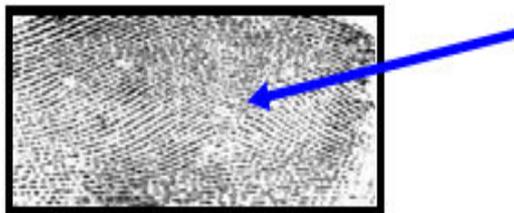
Fonte: Gomes (1969).

Não é da competência do arquivista, saber detalhes das impressões, porém são necessárias informações a respeito dos subtipos e dos pontos característicos de cada impressão, pois são acidentes que se encontram nas cristas papilares para identificação de impressões digital.

Assim, abaixo segue a representação dos subtipos baseados na disposição das linhas nucleares de acordo com a classificação de Vucetich:

a) arco plano: as linhas atravessam o campo da impressão digital, com configuração mais ou menos abalada, confundindo-se com as linhas marginais e basilares.

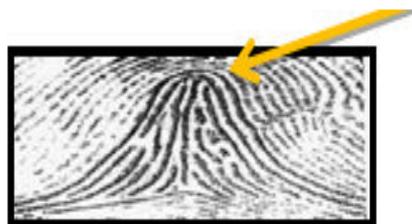
Figura 5: Arco plano



Fonte: Rabelo. 1996.

b) arco angular: as linhas se elevam mais ou menos na parte central da impressão, mostrando a forma de um ângulo agudo ou forma de uma tenda.

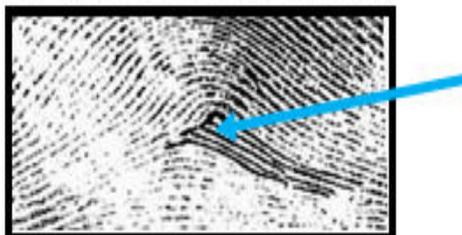
Figura 6: Arco angular



Fonte: GOMES, 1969.

c) arco bifurcado à direita: algumas linhas se desviam à direita, afastando-se da configuração geral daquelas que formam o arco plano, formando uma espécie de "pente ou garfo" apontado para o lado direito do observador.

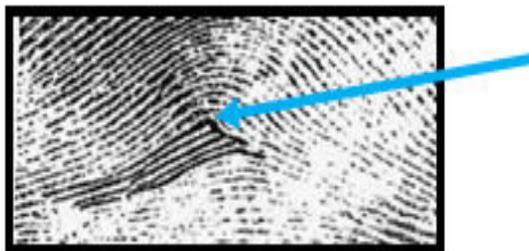
Figura 7: Arco bifurcado à direita



Fonte: GOMES, 1969.

d) arco bifurcado à esquerda: algumas linhas se desviam à esquerda, afastando-se da configuração geral daquelas que formam o arco plano, apresentando um formato de "pente ou garfo" apontado para a esquerda do observador.

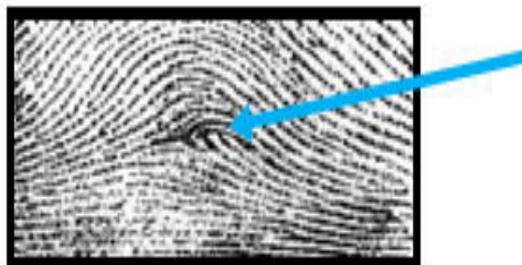
Figura 8: Arco bifurcado à esquerda



Fonte: GOMES, 1969.

e) arco destro apresilhado: a característica é uma única laçada que ocorre a direita do observador, apresentando certa semelhança com a presilha externa, mostrando um delta a esquerda do observador, não existindo porém nenhuma linha entreposta entre este delta e a laçada.

Figura 9: Arco destro apresilhado



Fonte: GOMES, 1969.

f) arco sinistro apresilhado: uma única laçada que ocorre a esquerda do observador, mostrando certa semelhança com a presilha interna, apresentando um delta a direita do

observador, onde não existe nenhuma linha entreposta entre este delta e a laçada.

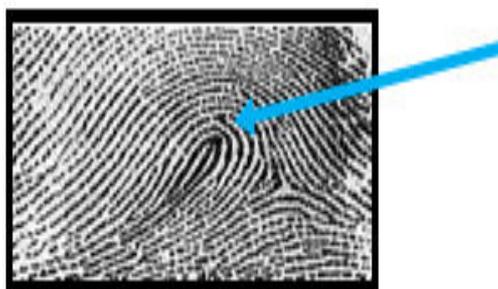
Figura 10: Arco sinistro apresilhado



Fonte: GOMES, 1969.

g) presilha interna normal: apresenta um delta a direita do observador, e suas linhas nucleares formam laçadas que nascem na extremidade esquerda retornando ao lado de origem sendo estas mais ou menos regulares em todo da sua trajetória.

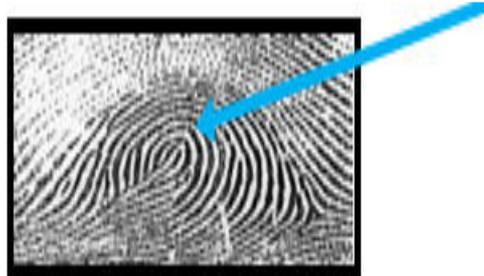
Figura 11: Presilha interna normal



Fonte: GOMES, 1969.

h) presilha interna inválida: apresenta um delta a direita do observador, com suas linhas nucleares que formam laçadas que nascem na extremidade esquerda formando o ápice das laçadas, e ao retornarem para o lado de origem desviam de sua trajetória. Os subtipos da presilha externa são os mesmos, com o delta encontra-se a esquerda do observador (presilha externa normal e presilha externa inválida).

Figura 12: Presilha interna inválida



Fonte: GOMES, 1969.

i) verticilo duvidoso: além de possuir um delta a esquerda e possuir outro a direita do observador apresenta um núcleo que não pode ser definido como os demais.

Figura 13: Verticilo duvidoso



Fonte: GOMES, 1969.

j) verticilo espiral: além de possuir um delta a esquerda e outro à direita do observador apresenta no centro do núcleo uma única linha espiral, que vai do centro para a periferia.

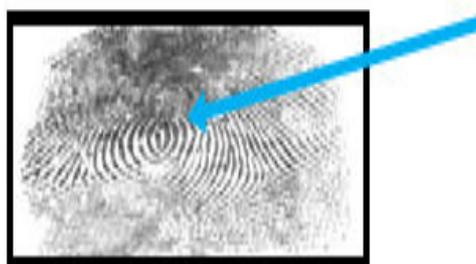
Figura 14: Verticilo espiral



Fonte: GOMES, 1969.

k) verticilo ovoide: além de possuir um delta a esquerda e outro à direita do observador apresenta no centro do núcleo uma ou mais linhas ovais fechadas, ou por uma linha que se desenvolve do centro para a periferia descrevendo uma curvatura oval que por sua também fechada.

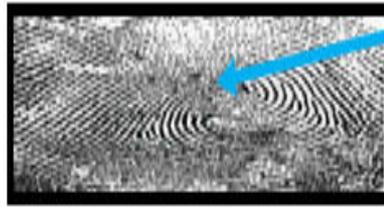
Figura 15: Verticilo ovoide



Fonte: GOMES, 1969.

l) verticilo sinuoso: além de possuir um delta a esquerda e outro a direita do observador apresenta no centro da impressão um núcleo duplo com prolongamento das linhas entre si, caracterizando uma forma de "S", "N" ou até mesmo "Z".

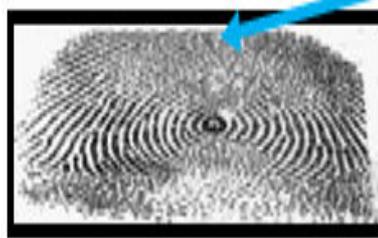
Figura 16: Verticilo sinuoso



Fonte: GOMES, 1969.

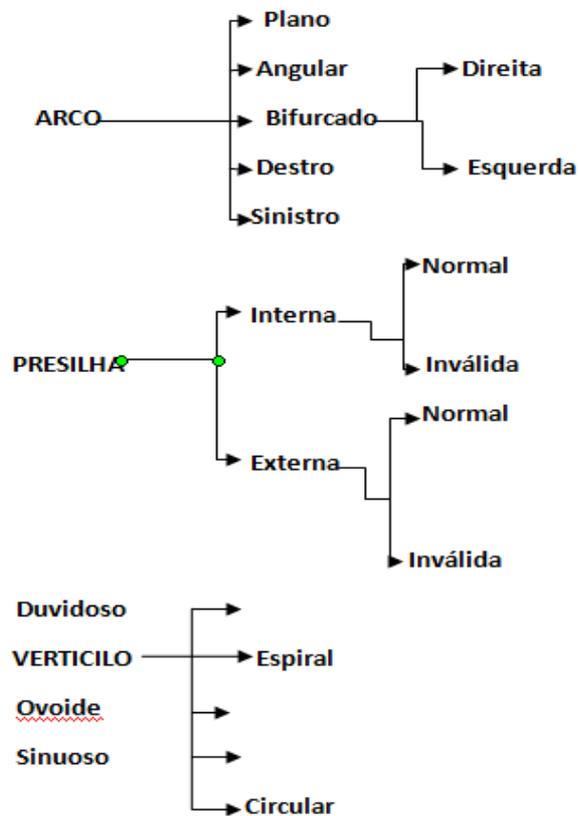
m) verticilo circular: além de possuir um delta à esquerda e outro à direita do observador apresenta no centro do núcleo um ou mais círculos que estão totalmente fechados.

Figura 17: Verticilo circular



Fonte: GOMES, 1969.

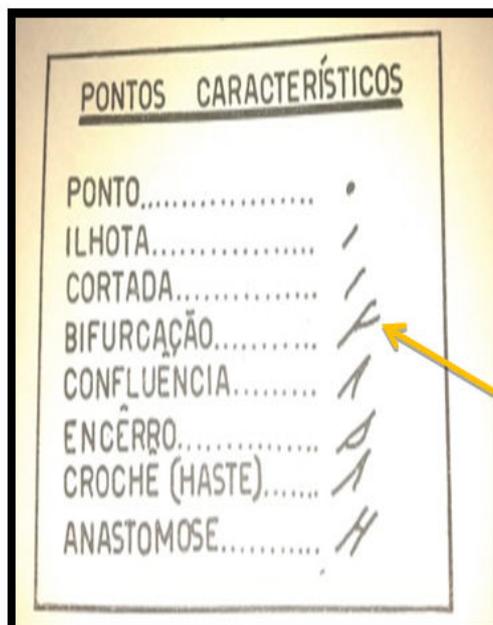
Figura 18: Subtipos - subdivisão da classificação de Vucetich



Fonte: Gomes, 1969.

A figura 19 mostra os pontos característicos, fonte de informação necessária contida em cada impressão. São eles: ponto, ilhota, cortada, bifurcação, confluência, encerro, crochê, anastomose.

Figura 19: Pontos característicos das impressões digitais



Fonte: Kehdy, 1968.

Segundo Azevedo Netto (2008), a informação pode se apresentar de várias formas e naturezas, desde as mais técnicas, passando pelas formais, até as mais interpretativas. Para que o arquivista proceda com a classificação, é necessário que as fichas estejam arquivadas na ordem da fórmula dactiloscópica. A primeira fórmula de um arquivo dactiloscópico decadátillar. No sistema de Vucetich, o arquivamento é do tipo decadátillar, ou seja, são utilizadas as impressões dos dez dedos das mãos do indivíduo para a classificação e arquivamento.

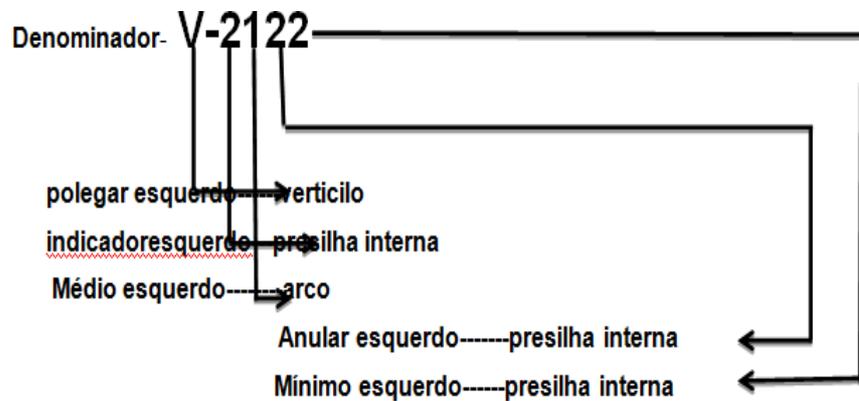
As impressões são coletadas e dispostas em uma ficha específica que contém em um dos lados dez campos na sequência: polegar, indicador, médio anular e mínimo. Sendo os cinco dedos da mão direita ou séries em cima e os cinco da mão esquerda ou secção em baixo, tendo para cada um dos dedos três campos na parte superior onde é registrado o tipo fundamental, o subtipo e a contagem das linhas de cada dedo respectivamente (Figura 20).

Figura 20: Ficha datiloscópica



Fonte: GOMES, 1969.

A fórmula datiloscópica na figura acima está disposta sob a forma de fração ordinária em que o numerador representa os dedos da mão direita e o denominador os dedos da mão esquerda, já citado, porém aqui o arquivista representa como:



Numerador- **V- 1343**

- Polegar direito — verticilo
- Indicador direito — arco
- Médio direito — presilha externa
- Anular direito — verticilo
- Mínimo direito — presilha externa
-

V- 1343 ← mão direita

V-2122 ← mão esquerda

Segundo Figini (2012), o arquivamento monodátilar foi criado com a finalidade de facilitar a busca de um suspeito, uma vez que dificilmente e encontrado em locais de crime os dez dedos

que perfazem a ficha criminal datiloscópica decadáctilar, já arquivamento decadáctilar processa a identificação de uma pessoa, para qualquer fim, tomam-se as suas impressões digitais na ficha datiloscópica, no verso escreve-se o nome e o número de registro geral da pessoa identificada.

Uma vez arquivada, as impressões podem servir de confronto, seja procedido um suposto inquérito policial, tem início a produção do laudo datiloscópico que vai ficar anexo ao (laudo de tanatologia⁵), trata-se de um documento elaborado pelo papiloscopis para identificação civil e criminal. Este documento é composto pelos seguintes elementos diplomáticos: brasão da instituição, data do exame, número do registro, assinatura do perito, impressões digitais coletadas, ofício da autoridade policial ou perito solicitante. Com relação ao prazo de guarda, é permanente, a metodologia de arquivamento é monodatilar ou decadatilar em suporte de papel e eletrônico.

A era digital surgiu nos Estados Unidos da América com a digitalização de cerca de 15 milhões de fichas datiloscópica para os arquivos policiais. Segundo Figini (2012), o sistema automático de identificação e de classificação documental trabalha com a peça padrão que é obtida a partir do registro de um indivíduo no sistema biométrico, podendo ocorrer pela coleta direta feitas por instrumentos ópticos de pessoas condenadas, e também pela base de dados da identificação civil onde as impressões ficam na ficha decadáctilar.

De acordo com Pombo (1988), a classificação documental é hoje um conjunto de catálogos informatizados e interligados em rede com base numa linguagem documental artificial, sendo uma estrutura imaterial que conta com um sistema de documentação de caráter nacional e enciclopédico, internacional e especializado. No Brasil, os sistemas de armazenamento em arquivos são auxiliados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), buscando aprimorar os dados nos arquivos criminais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arquivamento monodatilar e decadáctilar configura-se como uma técnica de classificação aplicada a fichas datiloscópicas, para este artigo a temática teve a finalidade de aprimorar o conhecimento dos profissionais da informação sobre esta área específica do saber arquivístico. A técnica rotineiramente empregada nos arquivos criminais é o sistema datiloscópico Juan Vucetich descrito ao longo do artigo, que mostra os principais tipos de impressões digitais. A classificação Vucetich

⁵ **Tanatologia** é o estudo científico da morte. Ele investiga os mecanismos e aspectos forenses da morte.

evidencia a importância da função social e jurídica de um arquivo criminal, uma vez que, a organização dos documentos leva em conta as necessidades dessa unidade administrativa.

O agrupamento dos documentos seguindo o código de classificação baseado nos quatro tipos de impressão torna a atividade do arquivista mais especializada, já que esse procedimento visa proporcionar uma base sólida para busca e localização da ficha datiloscópica em tempo hábil. Sendo assim o principal objetivo de uma classificação é facilitar a localização dos documentos. Do mesmo modo a preservação de documentos arquivísticos garante sua longevidade, funcionalidade e acessibilidade em arquivos sejam eles correntes intermediários e permanentes.

O caminho é difícil, pois não existem profissionais especializados na área para a execução dos procedimentos supracitados, os poucos que conhecem este sistema de classificação não são graduados. Devemos sempre buscar meios para aprimorar nosso conhecimento. Esse é um novo cenário, concluímos mostrando a importância da classificação adotada em arquivos criminais, e que a criação de novos dispositivos como o apresentado no trabalho, mostre que instrumentos de classificação bem elaborados, permitem as instituições arquivísticas facilitem a organização e buscas das fichas datiloscópicas.

CRIMINAL ARCHIVE AND THE VUCETICH CLASSIFICATION SYSTEM DIGITAL PRINTING REPRESENTATION AND IDENTIFICATION

ABSTRACT: This article hangs some aspects of the classification theory, prioritizing the Vucetich classification system, which bases the classification process of the fingerprint record whose function is to gather, store and make available information about fingerprint traces collected at the crime scene or identification, or to the act of recognition of an individual. Initially, we sought to discuss the philosophical principles of classification and then to analyze the use and application adopted by the Juan Vucetich system, a dytosopic method that is based on the representation of the disposition of the dermal papillae and the elements that make up this classification system, whose application and sorting allows a quick query comparing the standard part filed in the context of criminal files with a fragment extracted from crime scene.

KEYWORDS: Classification theory. Classification system. Fingerprinting. Special documents. Criminal records.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. **Fundamentos teóricos da classificação**. Florianópolis, nov., 2006. Disponível em: <https://periodico.ufsc.br/index/eb/article>. Acesso em: 15 nov. 2018.

AZEVEDO NETTO, C. X. **Preservação do patrimônio arqueológico**: reflexões através do registro e transferência da informação. Brasília, dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Lei 4.764, de 5 de fevereiro de 1903. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 6 fev. 1903. Disponível em: <http://www.in.org.br.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.

COSTA, A. F. **Classificações sociais**. Lisboa: 1997.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da informação**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, jul./dez. 1978.

DURANTI, L. **Ciência archivística**. Córdoba: [s.n.], 1995.

FIGINI, A. R. **Datilosopia e revelação de impressões digitais**. São Paulo: Millennium, 2012.

FRANÇA, G. V. **Medicina legal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 2015.

GOMES, H. **Medicina legal**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969.

KEHDY, C. **Elementos de criminalística**. São Paulo: Sugestões Literárias, 1968.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

MEIRA, Cleonice Nicolau *et al.* **Gestão de documentos e gerenciamento de arquivos**. Paraíba: 2008.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PIEIDADE, M. A. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. Lisboa, 1988.

RABELO, Eraldo. **Curso de criminalística**: sugestão de programa para as faculdades de direito. Porto Alegre: Sagra, 1996.

SILVA, A. M. *et al.* **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999.

SOUSA, R. T. B. Classificação de documentos arquivísticos: trajetória de um conceito. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 120-142, ago./dez. 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream.htm>. Acesso em: 10 nov. 2018.